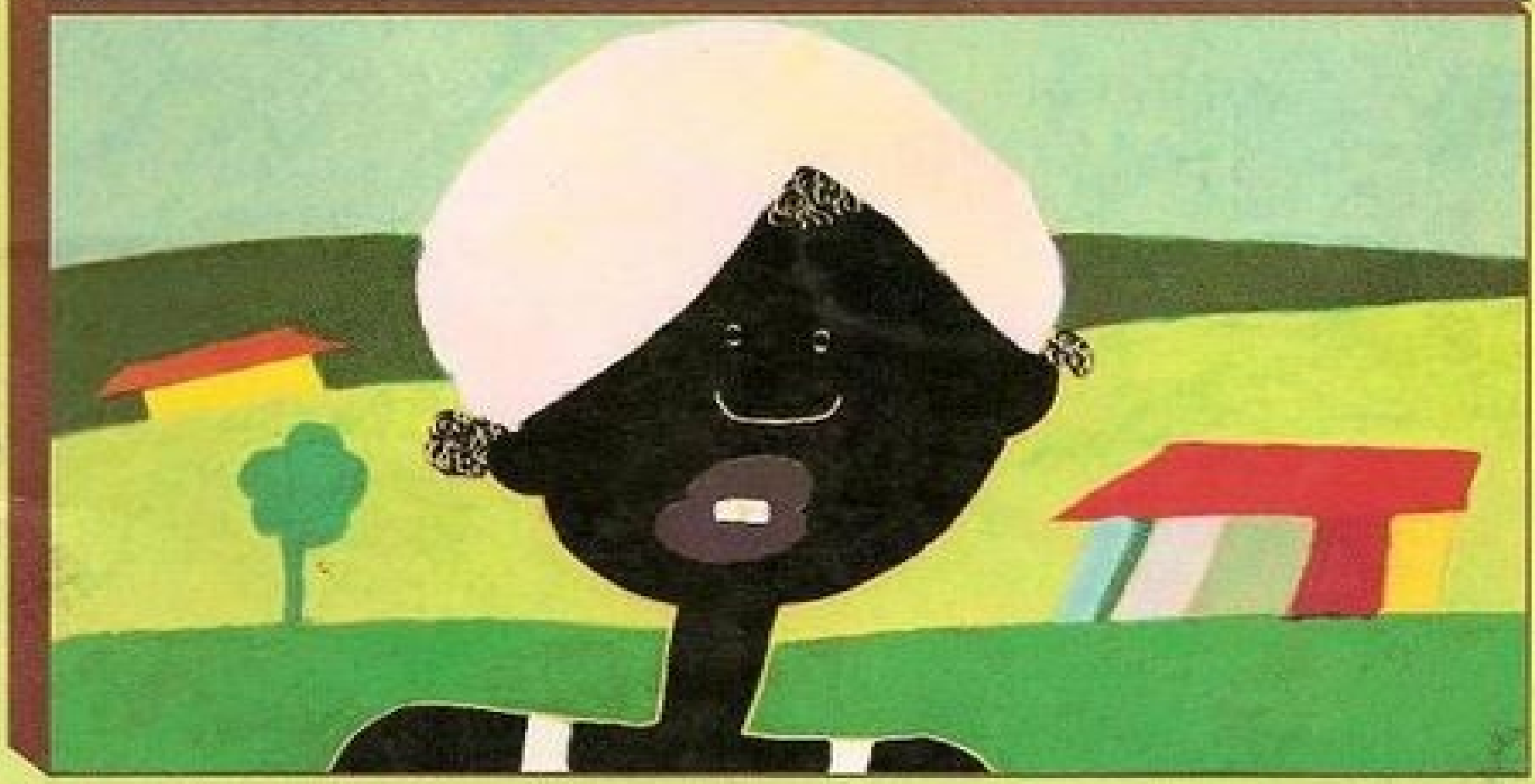
A Botija de Ouro

Joel Rufino dos Santos

Ilustrações: José Flávio Teixeira



ea

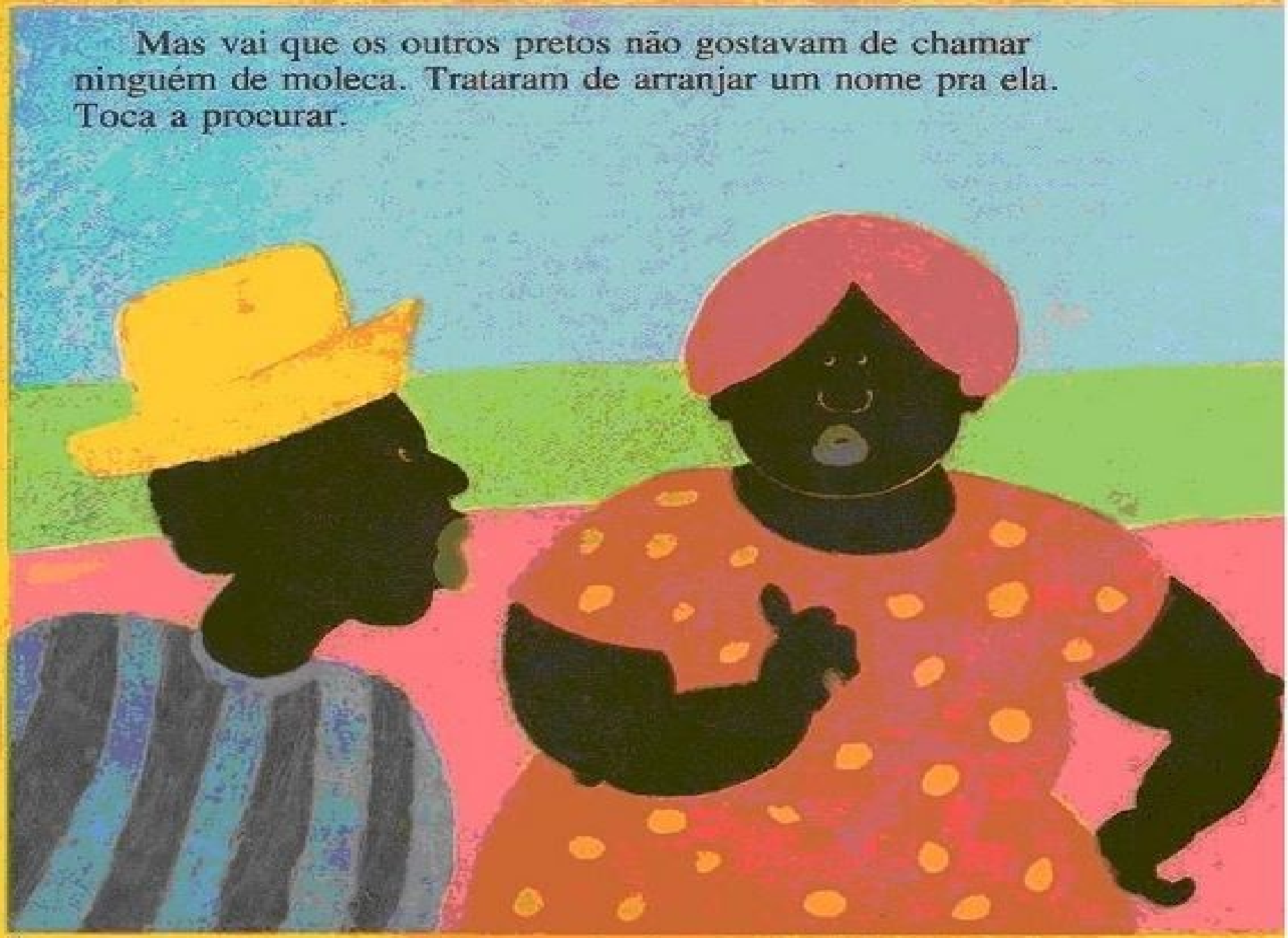
Era uma vez uma escravinha que não tinha nome.
Quando ela foi comprada, esqueceram de perguntar o nome dela.



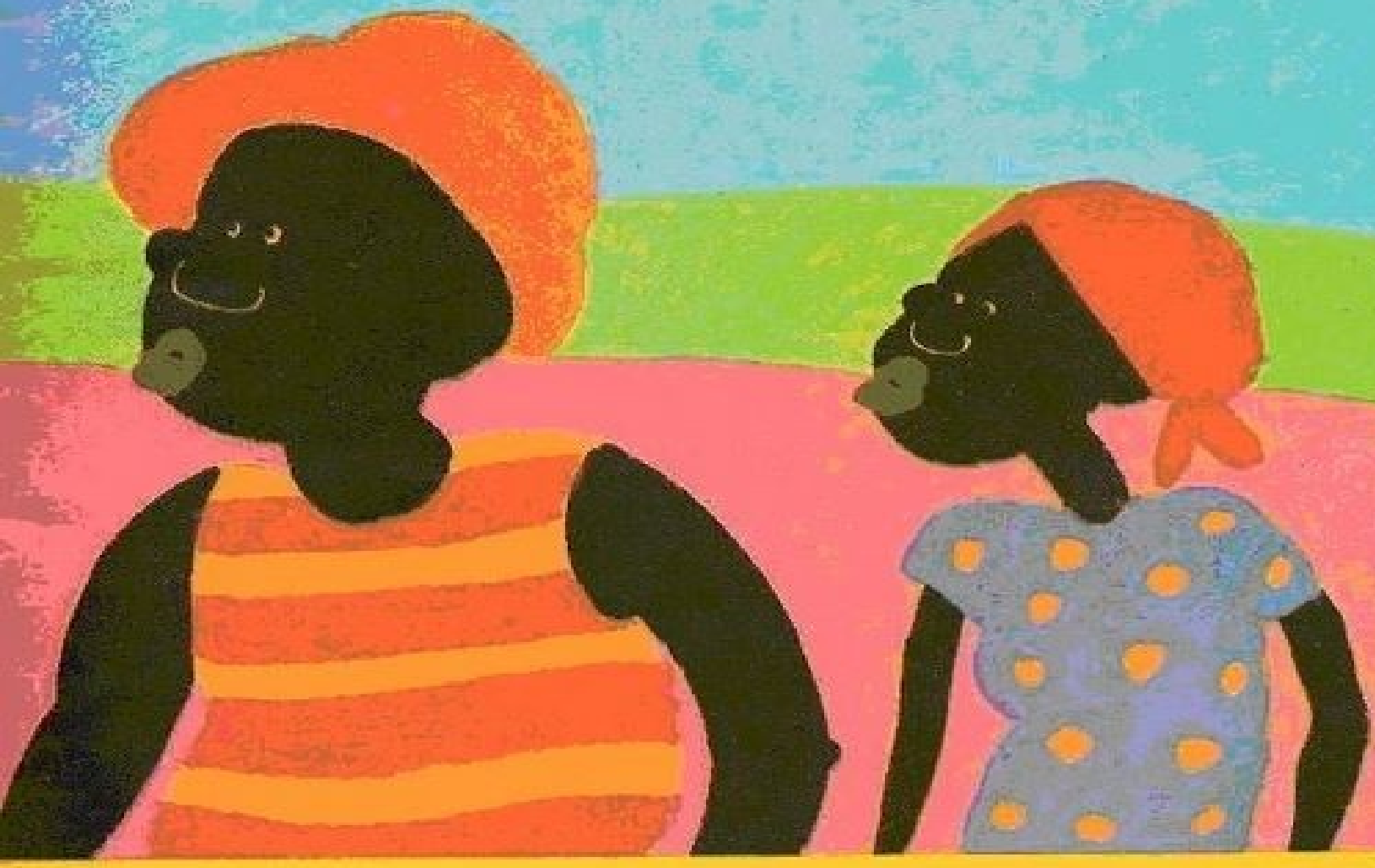
O senhor sempre chamava:
— Ei, moleca, vem cá!
A escravinha vinha. Não precisava de nome, não.



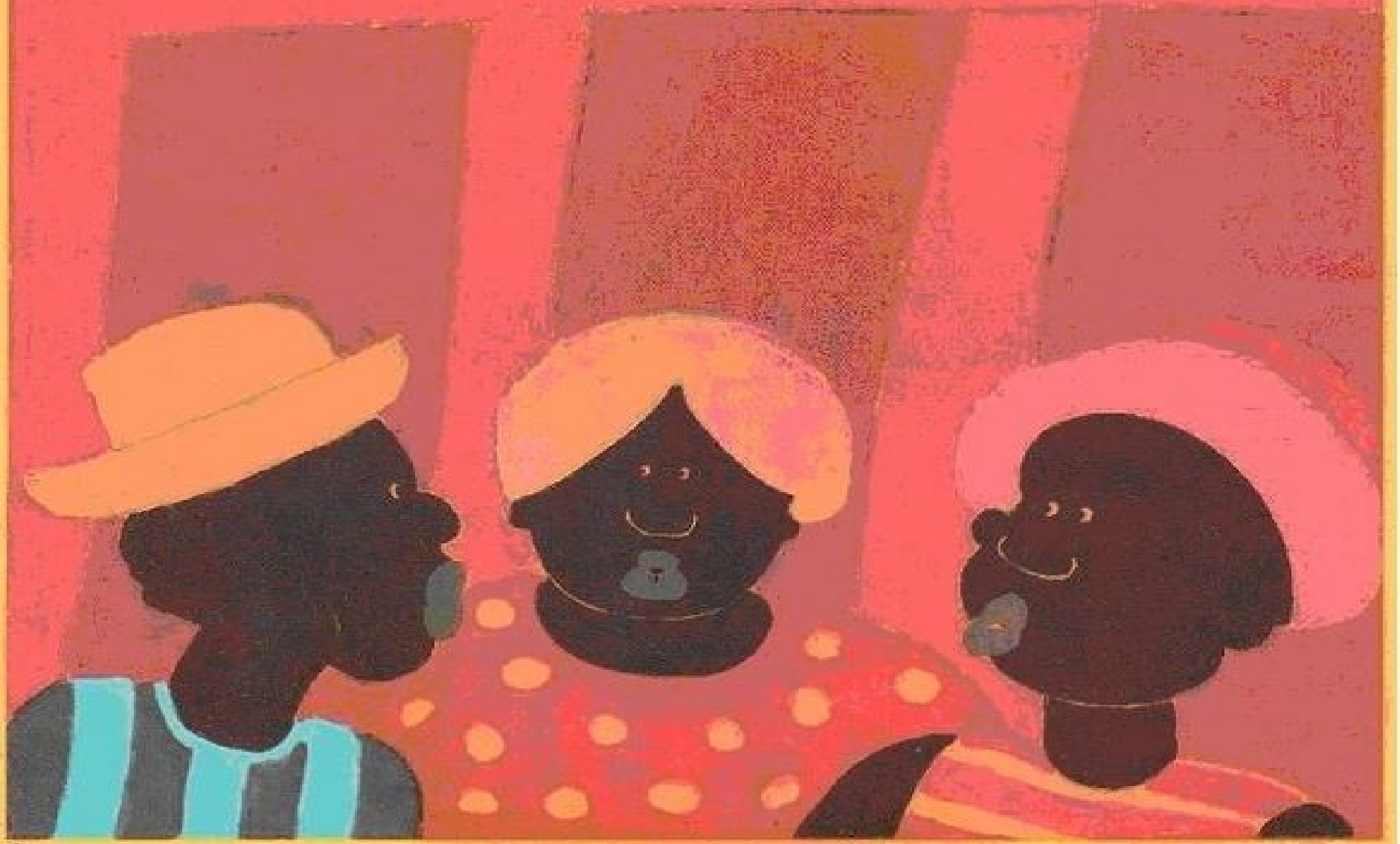
Mas vai que os outros pretos não gostavam de chamar ninguém de moleca. Trataram de arranjar um nome pra ela. Toca a procurar.



— Vamos chamá-la de Noite — opinou vovó Belquisse.
— Que ela é preta como a noite. Nunca vi mais preta.
Mas não gostaram. A escravinha era magrinha demais para um nome tão grande.



E palpitaram que palpitaram: Aluá, Gerebô, Quituxe, Giga, Azuzê, Anuanda ... Nenhum prestava. E a escravinha continuou sem nome.



— Ei, moleca, vem cá! — berrava o senhor. Ela vinha.
— Ei, garota, me tira este bicho-do-pé! — Ela tirava.
— Ei, negrinha, me traz um copo de refresco! — Ela trazia.
— Ei, guria, me abana pra passar esse calor! — Ela abanava.

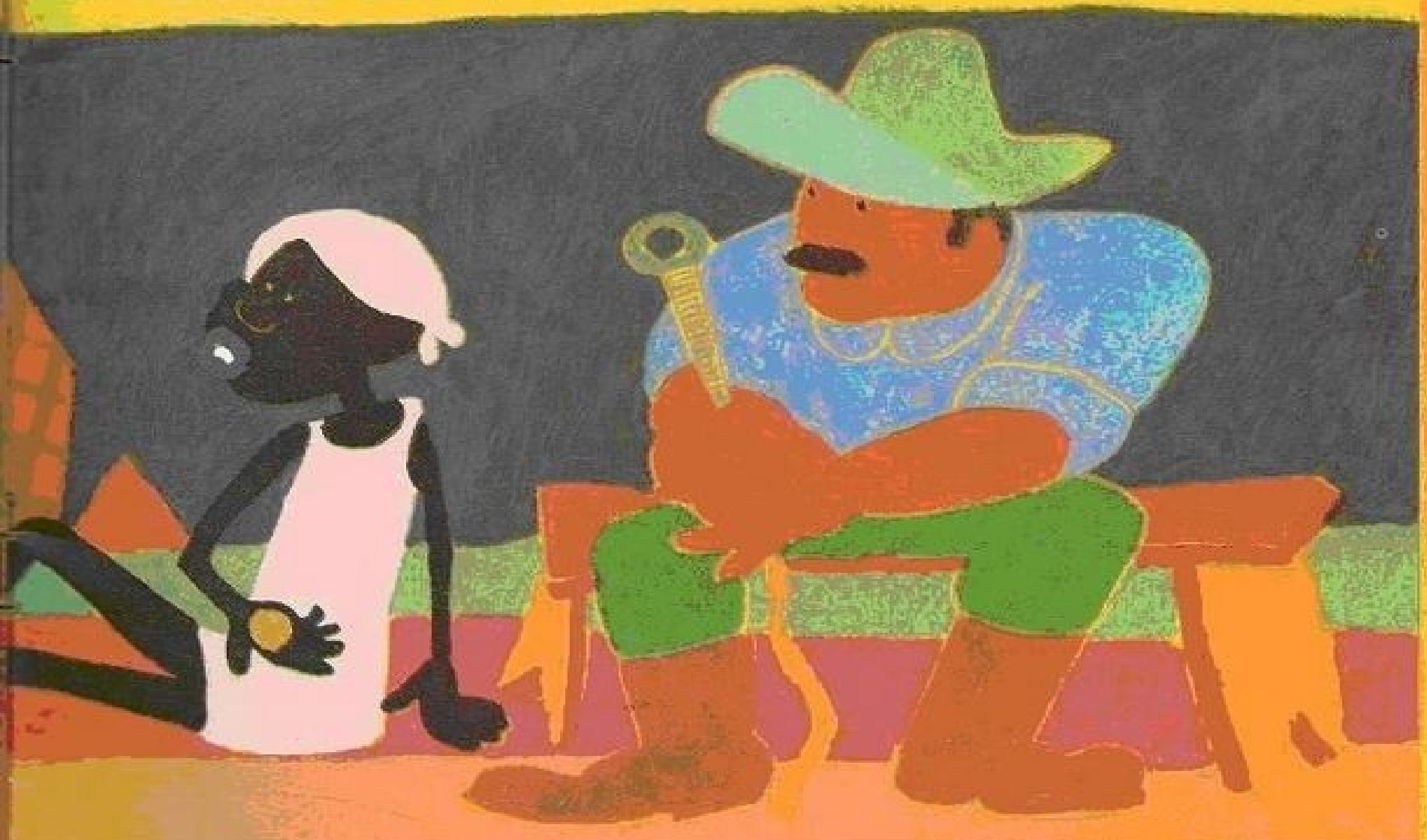


Vai que um dia a escravinha sem nome pegou a comer parede. O senhor não *tava* olhando, ela comia um pouquinho. Mas não engordava, não. Mais parede que comia, mais fininha que ficava.



O senhor perdeu a paciência. Chamou o feitor:

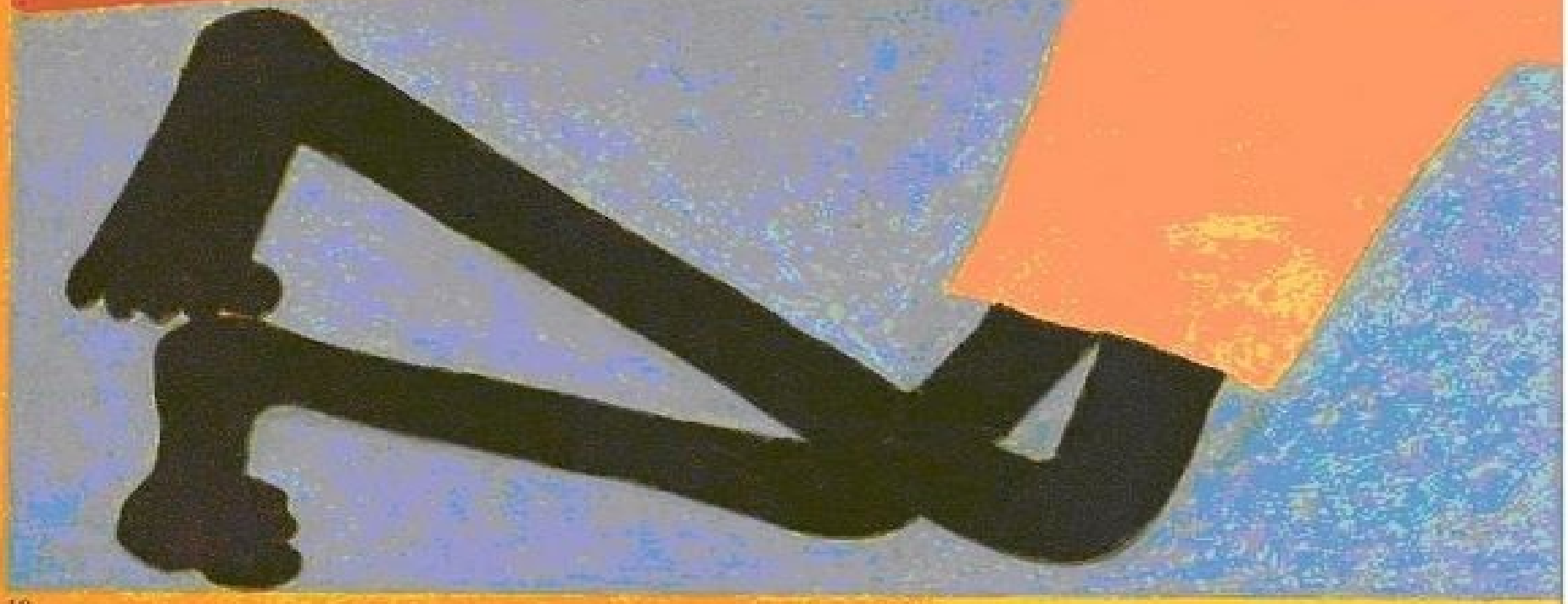
— *Me* põe esta moleca no quarto escuro. E se, depois disso, continuar a comer parede ... Aí, me sapeca uns bolos nas duas mãos. Que eu quero ver.



O quarto escuro *tava* assim de aranha. Mas a escravinha conseguiu dormir. Sonhou que estava com fome e raaque, raaque, raaque, pegou a raspar a parede pra comer.

Raspou tanto, que encontrou uma coisa dura. Suas unhas começaram a doer.

Sabe o que que era?



A BOTIJA DE OURO! Que todo mundo procurava desde o Descobrimento do Brasil.

A botija alumiava tanto que no quarto parecia dia.

O feitor que ia passando ficou desconfiado:



— Que luz é essa aí, diabo de moleca?

— É um montão de vagalume — respondeu ela, pra disfarçar.

A escravinha sem nome, aí, tirou a gandola e embrulhou a botija. Bem embrulhada, que não aparecia nem um tiquinho.

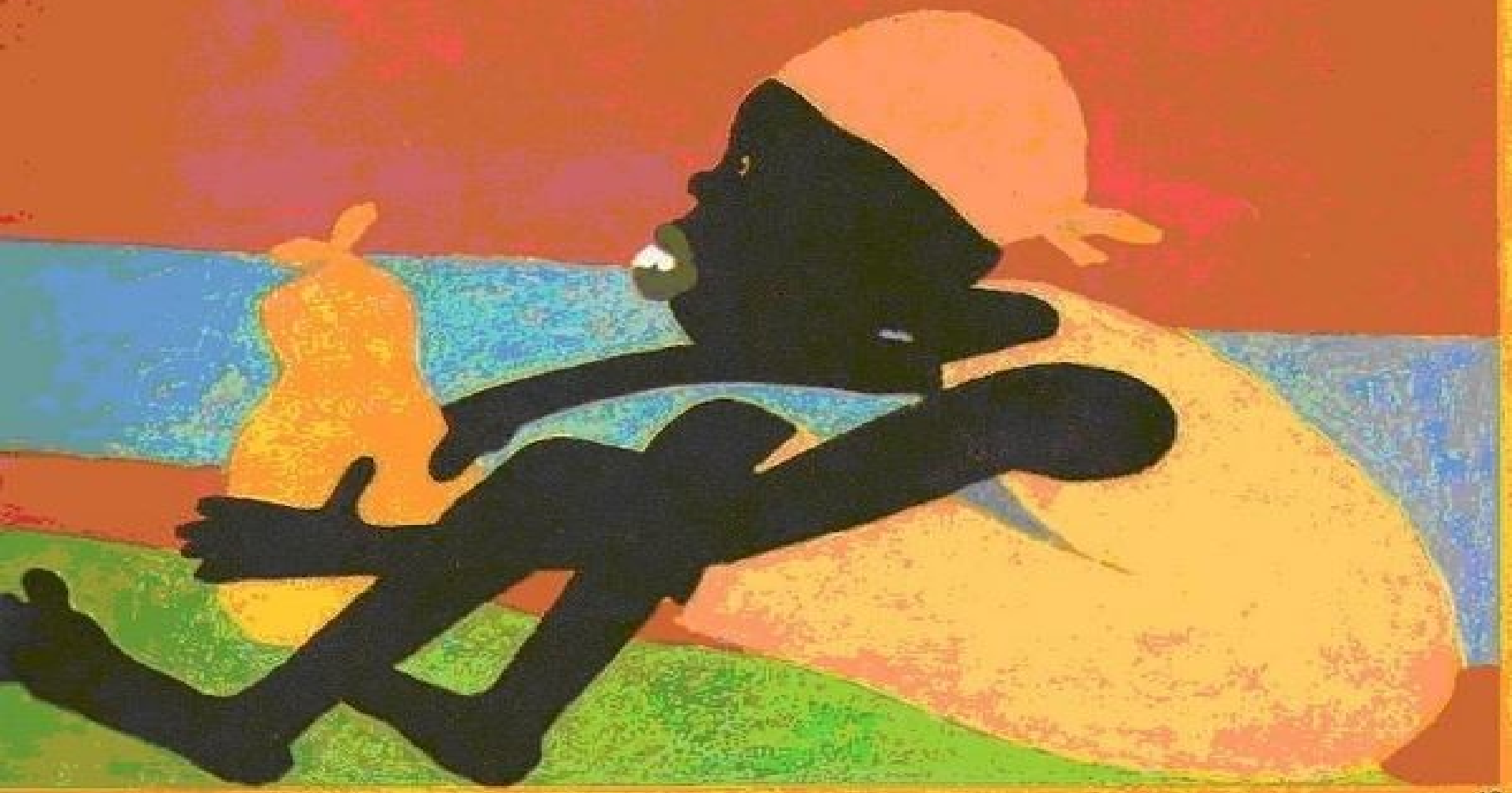


Quando acabou o castigo, o feitor abriu o quarto e perguntou:

— Que embrulho é esse aí, diabo de negrinha?

— É aquele montão de vagalume — respondeu — que eu vou no brejo enterrar.

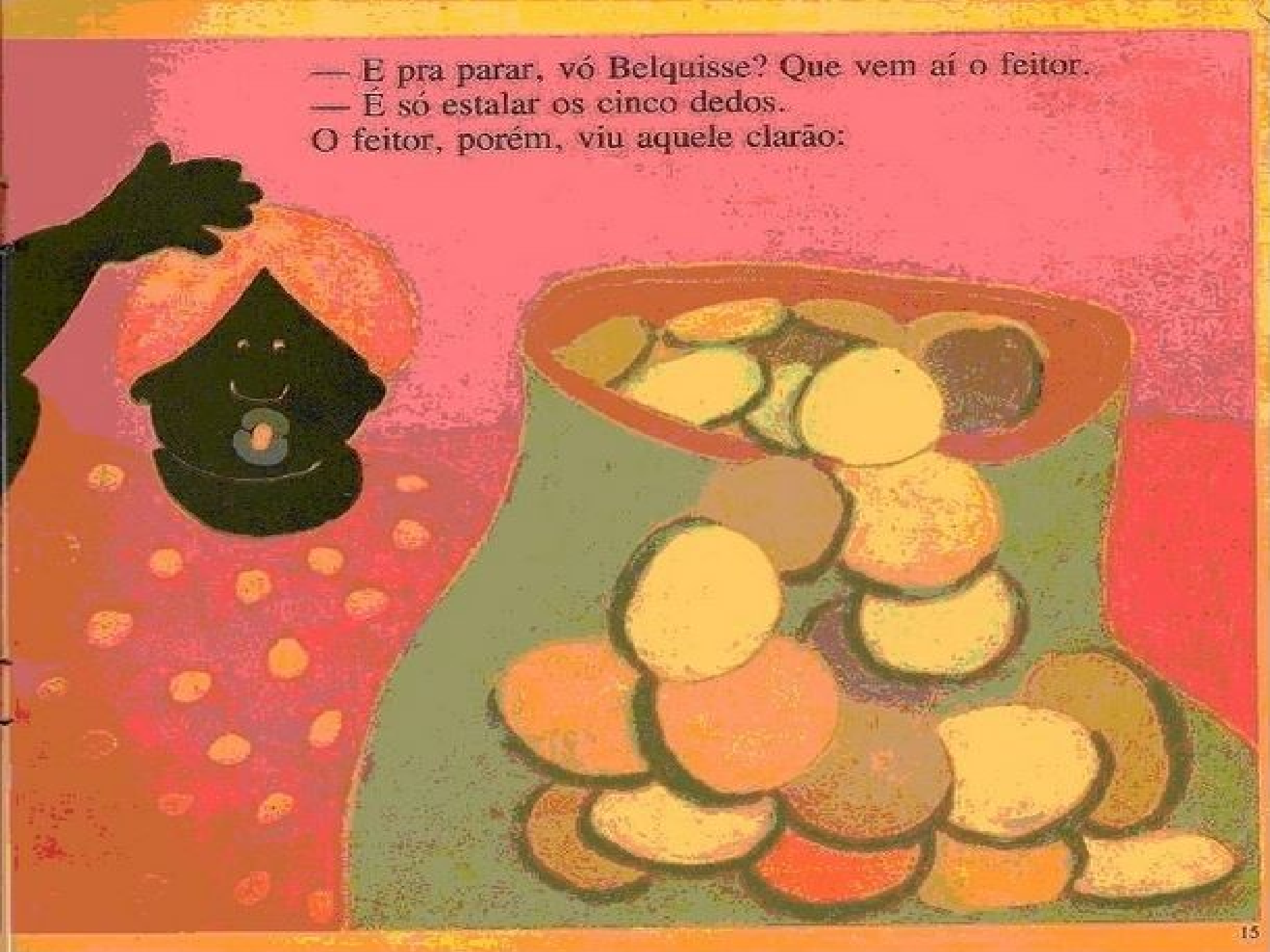
Mas o feitor não acreditou, não.



Quando a negrinha chegou na senzala, abriu a gandola.
Vó Belquisse ensinou como se botava a botija pra funcionar:
— É só esfregar as costas do dedo maior-que-todos.
Dito e feito. Caiu que caiu dinheiro.



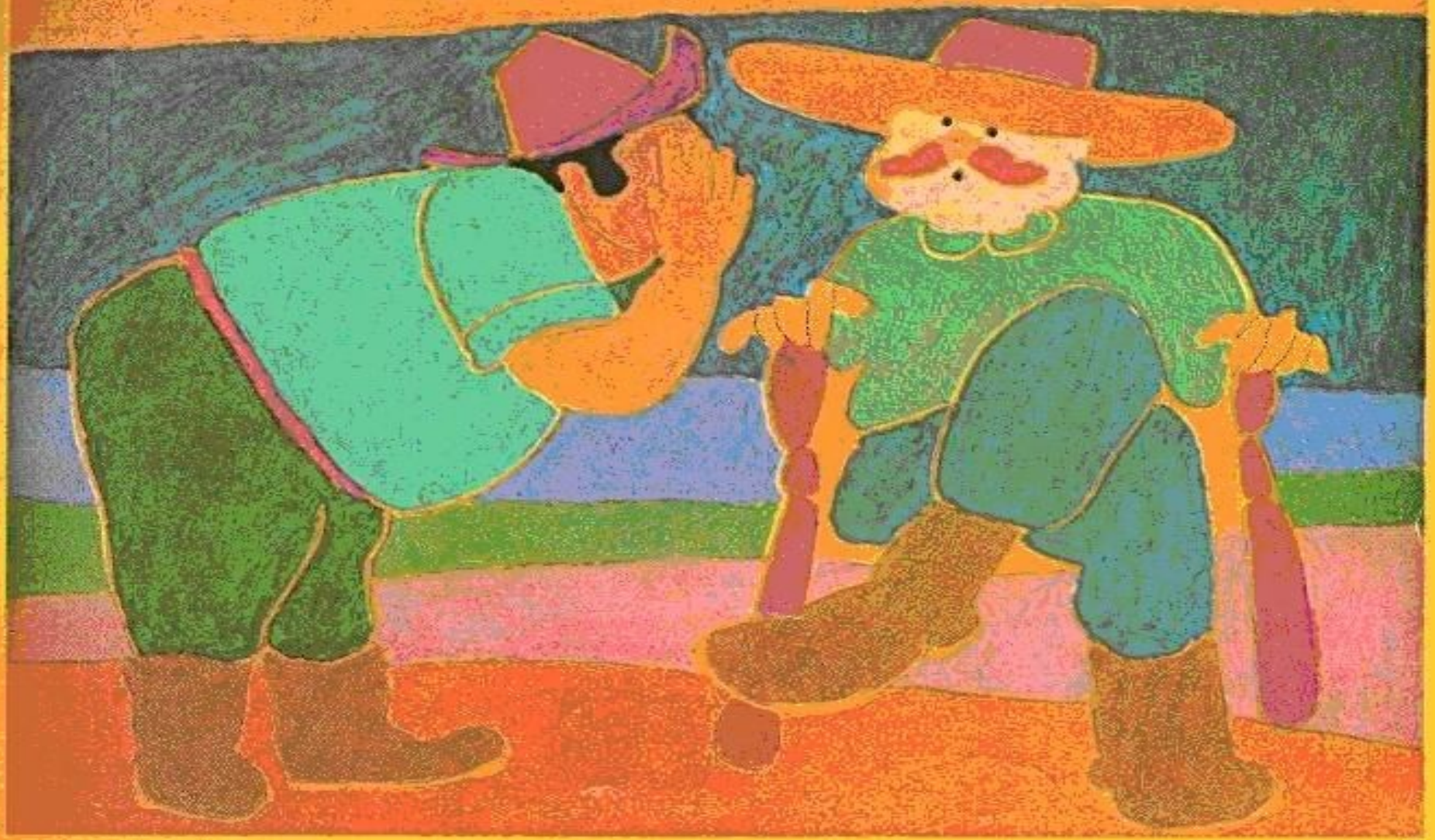
— E pra parar, vó Belquisse? Que vem aí o feitor.
— É só estalar os cinco dedos.
O feitor, porém, viu aquele clarão:



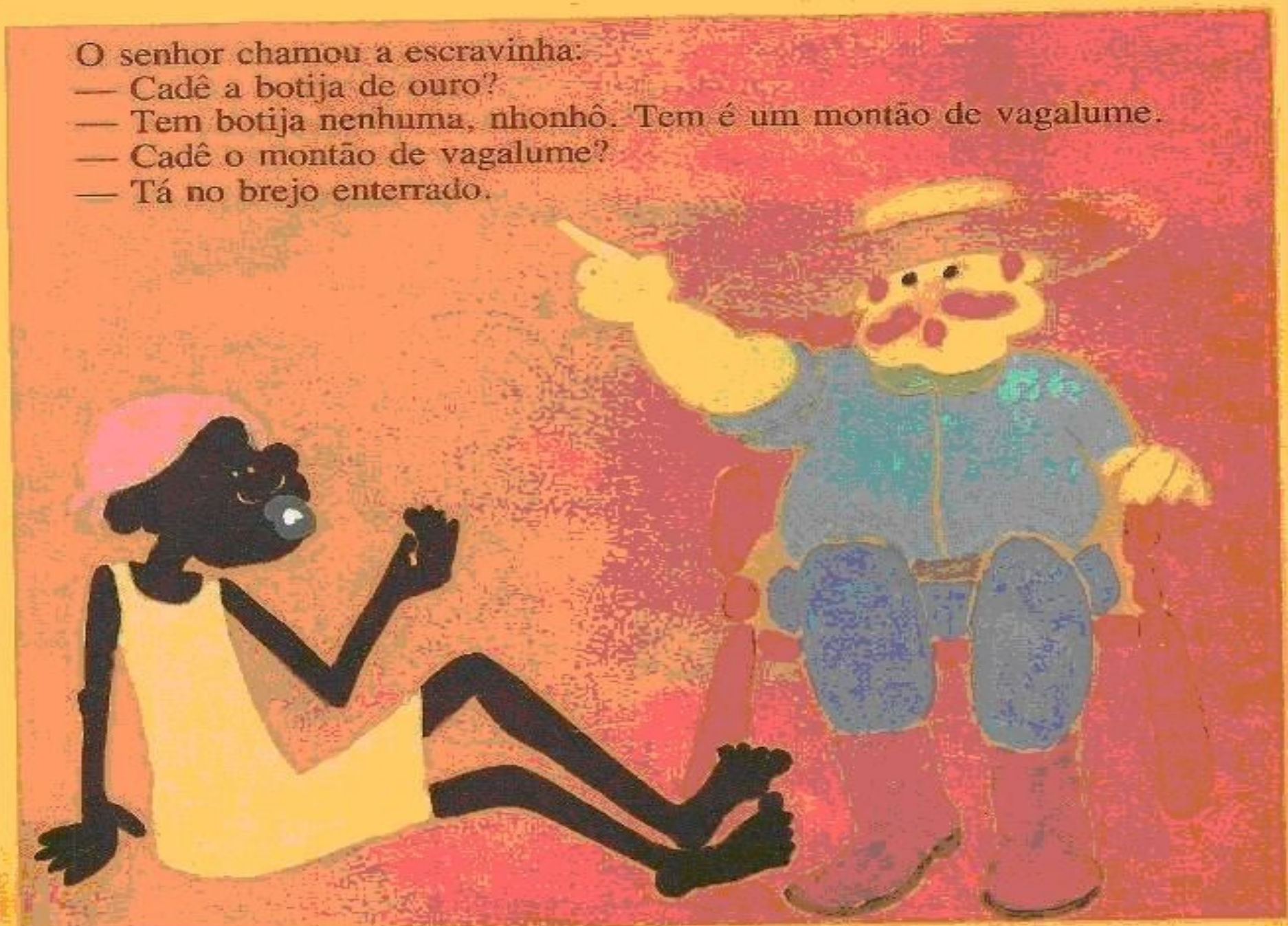
Que luz é essa, diabo de pretos?
— É um montão de vagalumes.
— Qual mané vagalume, qual nada! — ele não acreditou.
— Só pode ser a botija de ouro.

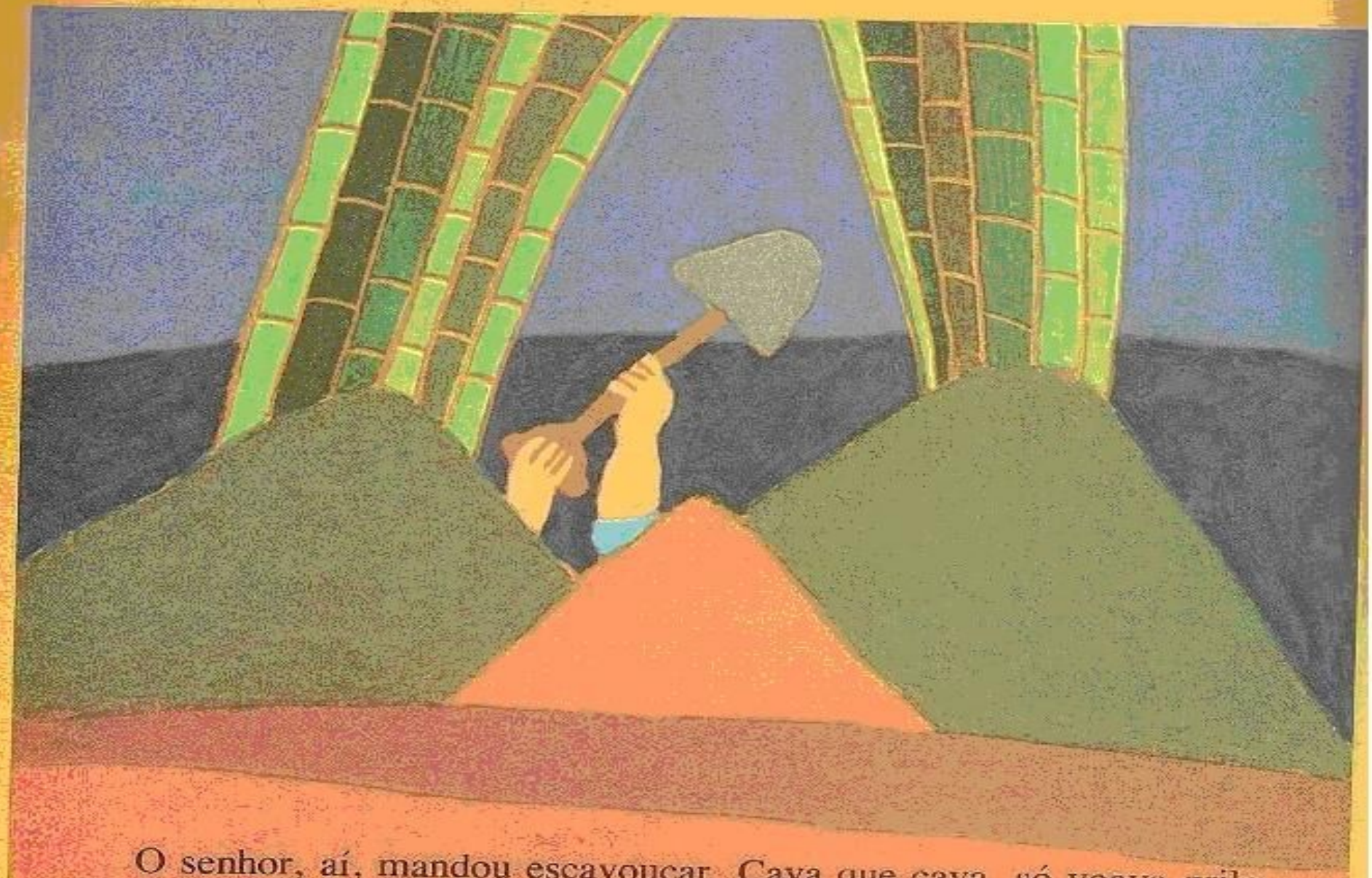


Correu contar ao senhor:
— Olha que a escravinha sem nome achou a
BOTIJA ENCANTADA DO TEMPO DE CARLOS MAGNO.



O senhor chamou a escravinha:
— Cadê a botija de ouro?
— Tem botija nenhuma, nhonhô. Tem é um montão de vagalume.
— Cadê o montão de vagalume?
— Tá no brejo enterrado.





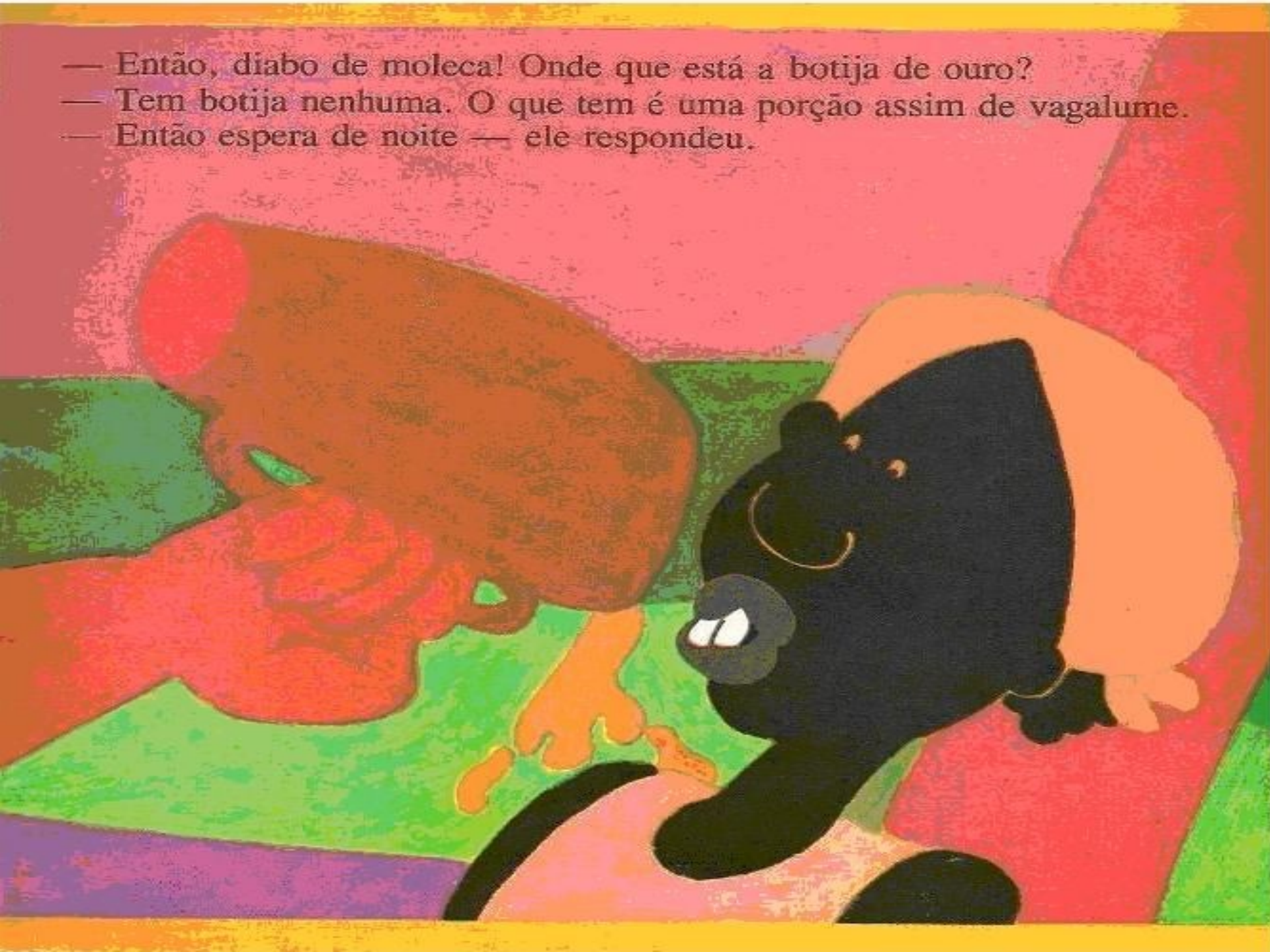
O senhor, aí, mandou escavoucar. Cava que cava, só voava grilo. Ficou com raiva. E mandou botar a escravinha no tronco:
— Vamos a ver se essa botija aparece ou não aparece.

O feitor, de maldade, passou mel na escravinha. Que era pra de noite as FORMIGAS DE BARRIGA LISTRADA a comerem.

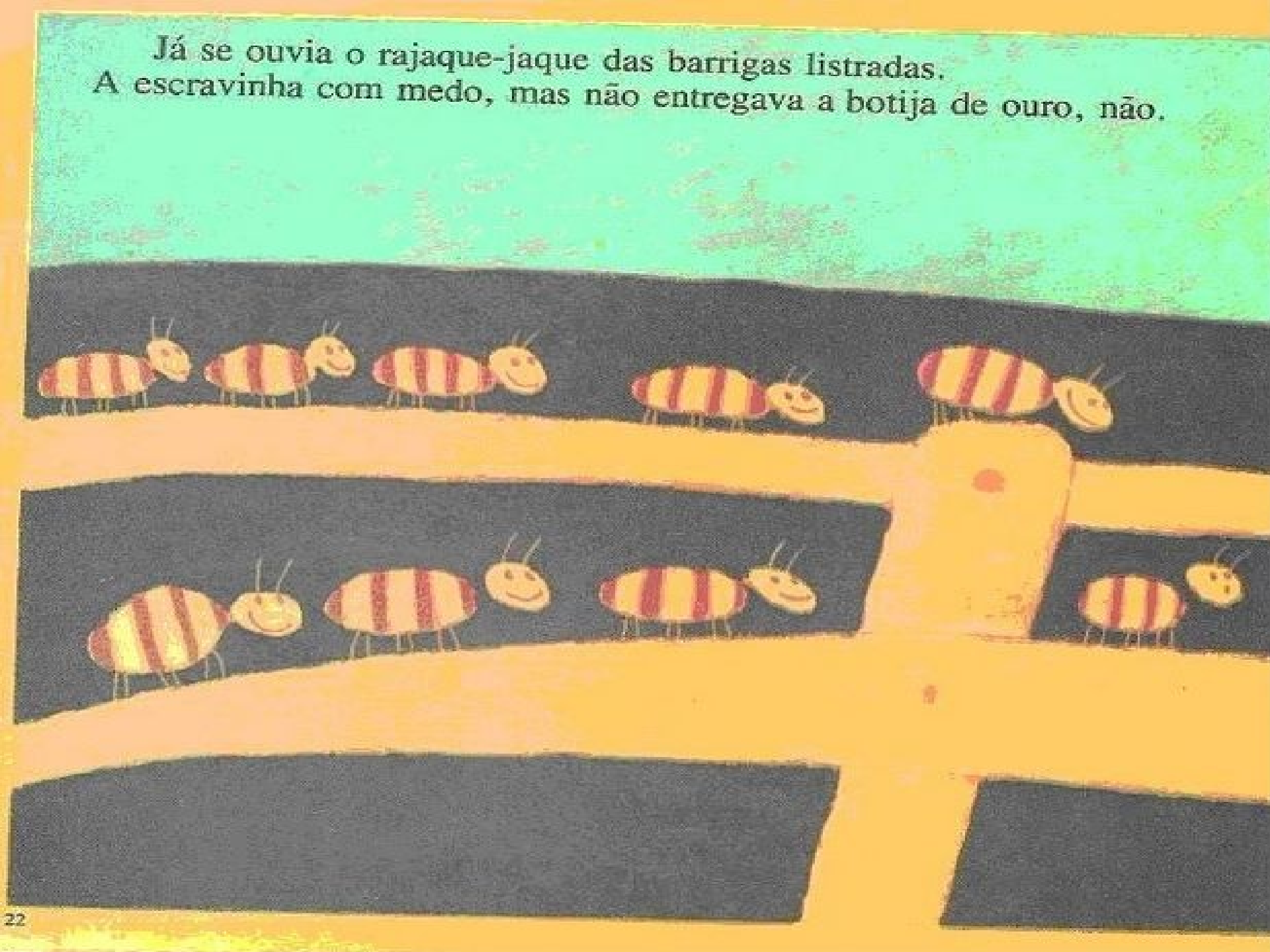
Quando foi escurecendo, escurecendo ... que a estrela papaceia mostrou a cara, o feitor chegou com artes.



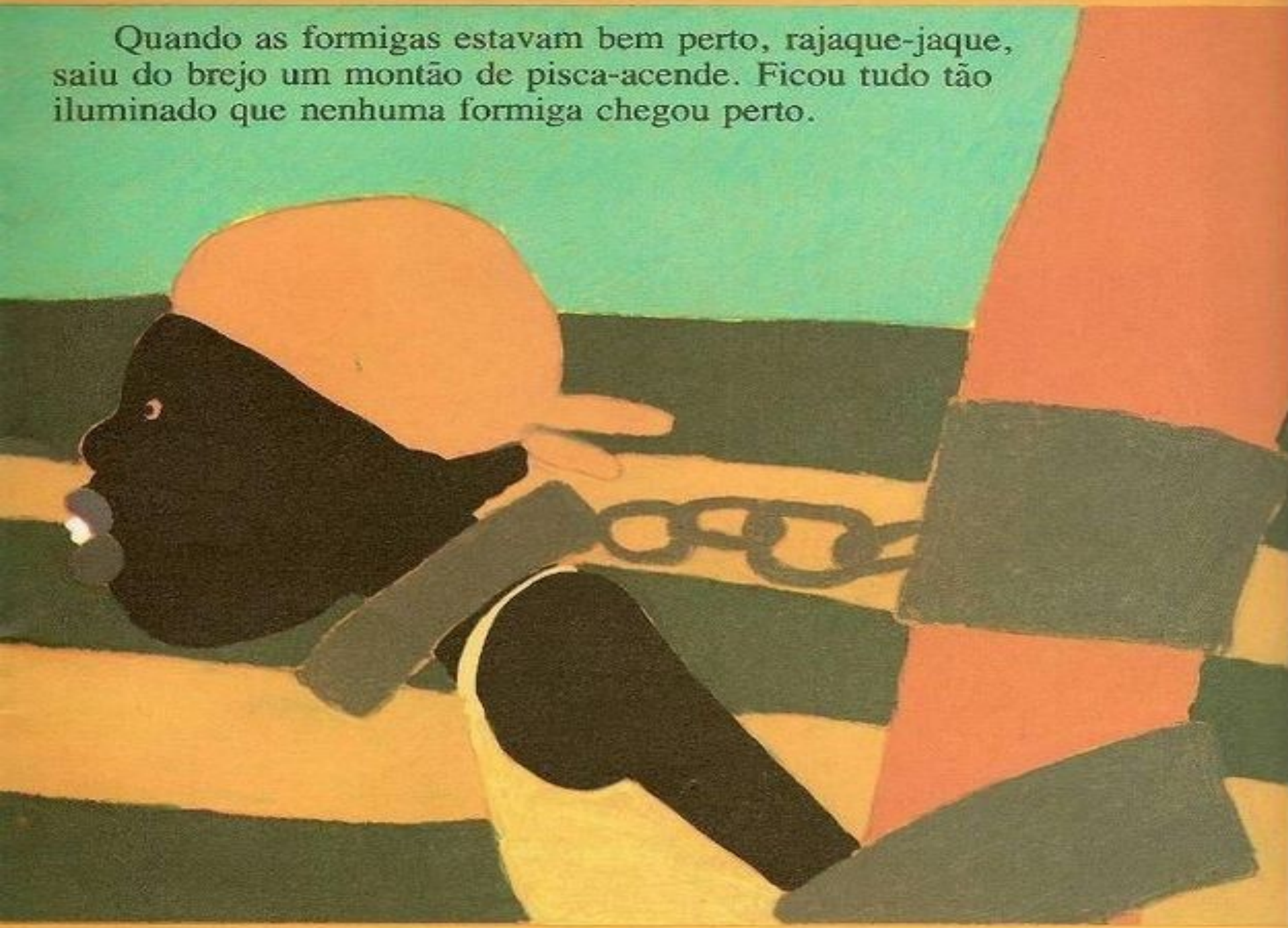
— Então, diabo de moleca! Onde que está a botija de ouro?
— Tem botija nenhuma. O que tem é uma porção assim de vagalume.
— Então espera de noite — ele respondeu.



Já se ouvia o rajaque-jaque das barrigas listradas.
A escravinha com medo, mas não entregava a botija de ouro, não.



Quando as formigas estavam bem perto, rajaque-jaque, saiu do brejo um montão de pisca-acende. Ficou tudo tão iluminado que nenhuma formiga chegou perto.



De manhãzinha, o feitor foi ver se a escrava estava roída. Cadê que não *tava*!

— Faz mal, não — jurou ele. — Espera a noite que vem.

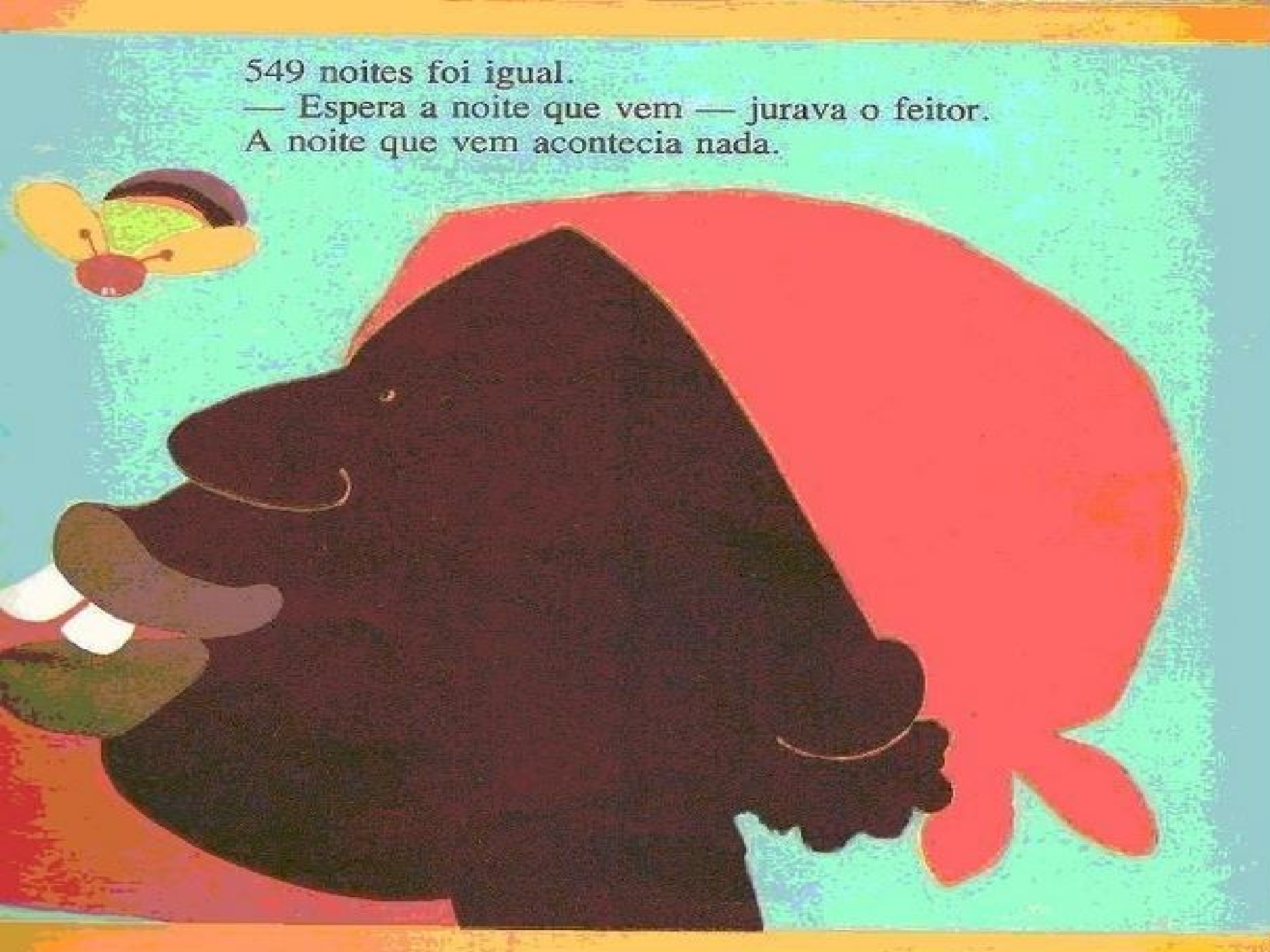




Na outra noite, quando as formigas chegaram, os vagalumes vieram novamente salvar a escravinha. Acende-apaga, acende-apaga em volta do tronco.



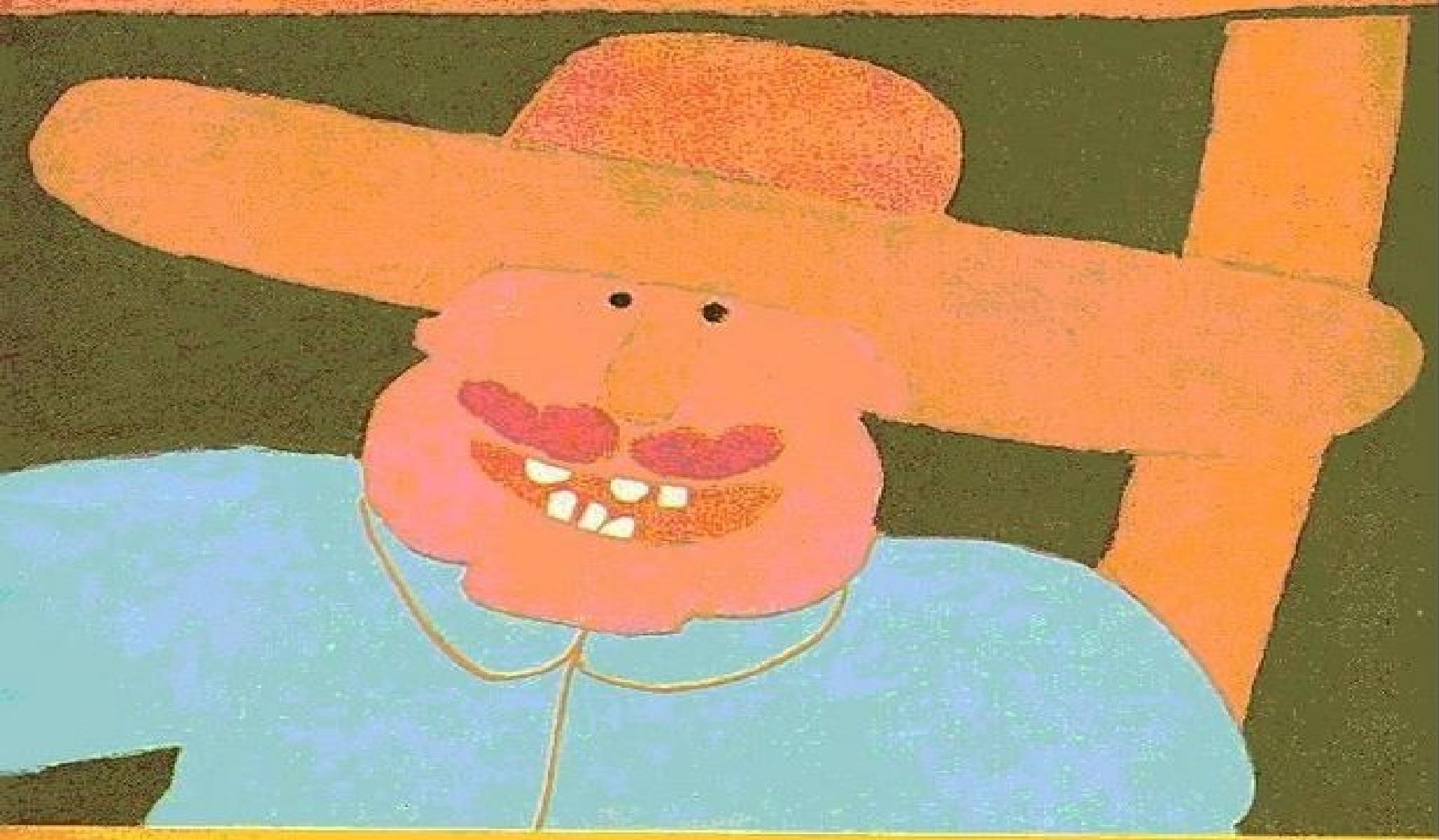
549 noites foi igual.
— Espera a noite que vem — jurava o feitor.
A noite que vem acontecia nada.



A escravinha já estava tão magra que o tronco nem a prendia mais. Os buracos folgados, folgados. Ela fugiu, foi procurar o senhor:



— Aqui está a botija de ouro — falou. — Não quero mais.
Explicou como funcionava. O senhor toca a fazer dinheiro.





Tanto de dinheiro fez que a casa começou a afundar.
Quando já *tava* atulhada de moedas ele gritou pra senzala:
— Ei, negros do diabo! Como é que se para este negócio?



Cadê que negro algum escutou. A senzala tinha ficado lá em cima.

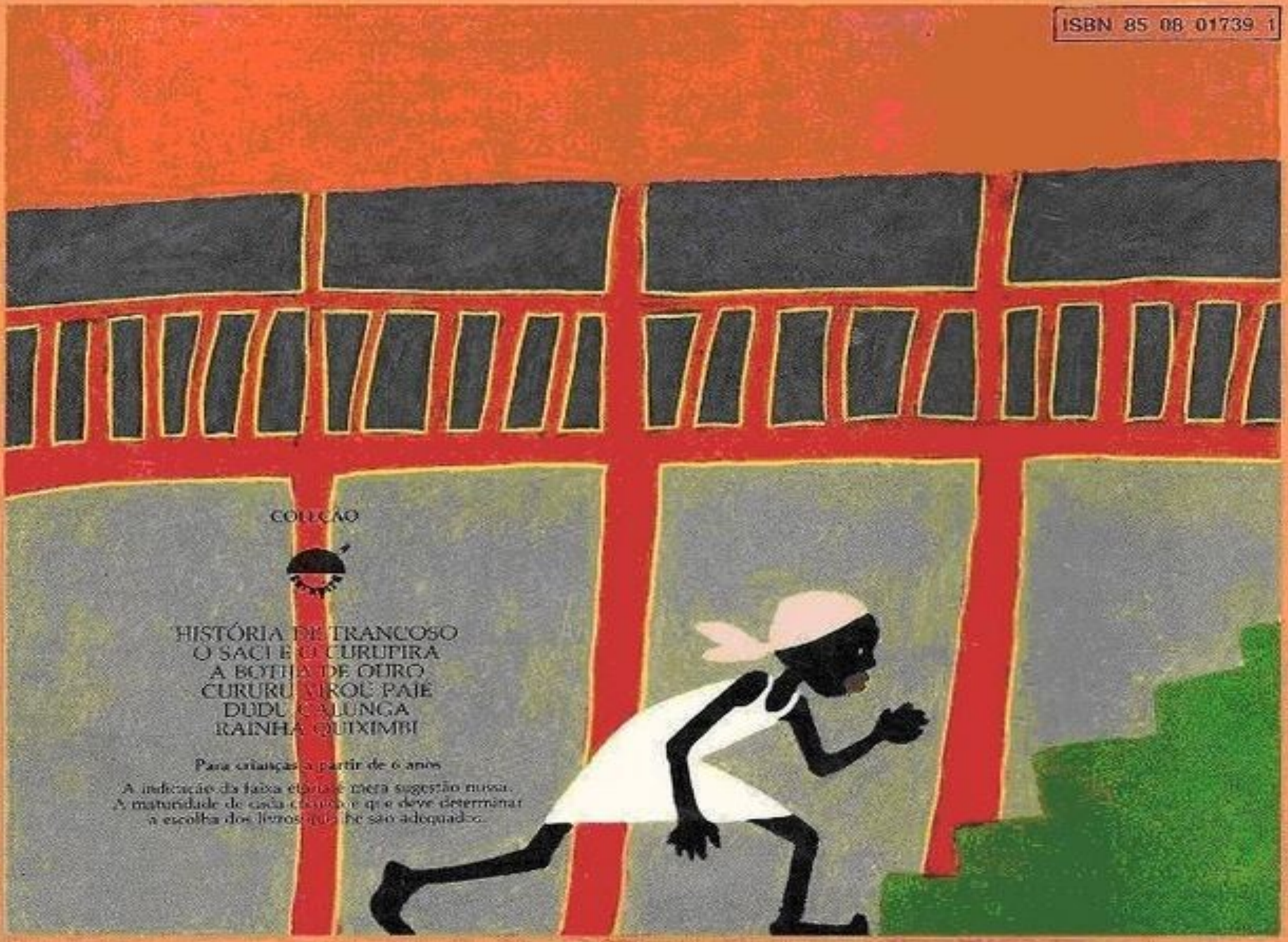
— Ei, negros do diabo! Ei, negros do diabo!

A fazenda lá embaixo, os pretos cá em cima, sem dono. Todo mundo que passava queria saber que buraco tão fundo era aquele.



Os escravos, que não eram mais, contavam. E o feitor? Ninguém não sabe se está lá embaixo com seu dono. Como ele vivia dizendo à escravinha: "Espera a noite que vem", ela acabou ganhando esse nome: A Noite Que Vem.

ISBN 85 08 01739 1



COLEÇÃO

HISTÓRIA DE TRANCOSO
O SACI E O CURUPIRA
A BOTIJA DE OURO
CURURU VIROU PAJÉ
DUDU CALUNGA
RAINHA QUIXIMBI

Para crianças a partir de 6 anos

A indicação da faixa etária é mera sugestão nossa. A maturidade de cada criança é que deve determinar a escolha dos livros que lhe são adequados.